

ABI SAAB, Luiza Beloti; SOUSA, Otavio Miguel Chaves. **Batuku e os Rabelados: A antropologia da dança de uma resistência.** Coimbra: Universidade de Coimbra. Universidade de Coimbra; doutorado; orientada por Luís Fernando Gomes da Silva Quintais; bolsista CAPES. Universidade de Lisboa; doutorado; orientado por Jorge Ramos do Ó; bolsista FCT.

## RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo apresentar aspectos e desafios da pesquisa de doutorado da autora, contrastando a área da Antropologia da Dança e Arte Contemporânea. O tema do estudo parte da pesquisa de campo da autora em Cabo Verde com a comunidade Rabelados Espinho Branco, comunidade essa que surge em meados de 1940 ao sofrerem perseguições da Igreja Católica e se virem obrigados a “refugiarem-se em seu próprio país”. Morando em lugares de difícil acesso e por vezes remotos, os Rabelados Espinho Branco passaram quase 80 anos em isolamento e boicote por parte do governo. Em meio a este contexto, sem acesso a qualquer tipo de política pública, a dança tradicional cabo verdiana, chamada Batuku, foi uma das ferramentas responsáveis por resguardar e transmitir essa história de resistência. A pesquisa de campo realizada de 2015 a 2019 coletou diversos materiais visuais e gráficos, como vídeos, filmagens, pinturas e labanotação, a fim de registrar a dança e seu trajeto na aldeia. Enquanto etnocoreóloga, a autora apresenta sua análise de materiais e, com conjunturas teóricas, a história dos Rabelados através das transformações que a dança Batuku sofreu nesse contexto.

**Palavras-chave:** Antropologia da Dança. Etnocoreologia. Pesquisa Etnográfica. Cabo Verde. Rabelados.

## ABSTRACT

This paper aims to present aspects and challenges of the author's doctoral research, contrasting the area of Dance Anthropology and Contemporary Art. The subject of the study is part of her fieldwork in Cape Verde, in Rabelados Espinho Branco community, emerged in the mid-1940s when they were persecuted by the Catholic Church and were forced to “take refuge in their own country”. Living in places with difficult to access and sometimes remote, the Rabelados Espinho Branco have spent almost 80 years in isolation and boycotted by the government. In the midst of this context, without access to any type of public policy, the traditional Cape Verdean dance, called Batuku, was one of the tools responsible for safeguarding and transmitting their history of resistance. The fieldwork was carried out from 2015 to 2019 and collected several visual and graphic materials, such as videos, filming, paintings and labanotation, in order to record the dance and its path in the village. As an ethnocoreologist, the author presents her analysis of materials and, with theoretical circumstances, the history of the Rabelados through the transformations that Batuku dance underwent in this context.

**Keywords:** Anthropology of Dance. Ethnocoreology. Ethnographic Research. Cape Verde. Rabelados.

Considerando a história de Cabo Verde, é possível identificar uma transição importante entre a cultura em vigor durante a colonização e a cultura

encontrada após a independência do país. O contexto da comunidade Rabelados é um exemplo pouco conhecido e extremamente importante, especialmente em sua relação às suas tradições. Atualmente os Rabelados já não possuem as mesmas características e tradições desde que surgiram. No entanto, de acordo com Beijers (2004), o surgimento da comunidade na década de 40 foi descrito como:

“[...] um grupo de cabo-verdianos em Santiago que se rebelou contra a instauração da autoridade central da Igreja Católica. Seu protesto religioso foi interpretado como resistência contra a autoridade colonizadora e eles foram fortemente oprimidos pelo serviço secreto português (PIDE) [...]”. (p. 51)

No início do século XX, os sacerdotes cabo verdianos viviam um modo de vida diferente do "modo de vida católico" esperado pelo Vaticano. Após o abandono de interesse da Igreja e dos portugueses pelo arquipélago após a abolição da escravatura, a sociedade cabo-verdiana passou a viver com diferentes características religiosas, como sacerdotes que usavam batina preta, tinham filhos, eram casados com mais de uma mulher e utilizavam a língua e cultura crioula.

Após a reforma da Igreja Católica nos anos 40, o "novo sacerdote" enviado às ilhas era branco, usava uma batina branca, falava português, movia-se de carro ou moto e recorreu a novos livros para catequizar a sociedade. A chegada deste novo sacerdote resultou na proibição de atividades religiosas da sociedade crioula, como a ladainha, uma cerimônia fúnebre em que se caminha pelas ruas cantando e orando pelo cadáver durante oito dias. A partir desse momento, a sociedade começou a reagir:

“A reação da população foi tão grande que muitos pararam de ir para a igreja, não batizavam mais seus filhos e nem se casavam na igreja, começando a seguir suas crenças em casa com a ajuda de livros, embora algumas pessoas continuassem a frequentar a igreja. Aqueles que pararam de frequentar, começaram a se juntar na casa de algumas pessoas que podiam ler os livros [...]”. (Moreira, 2009, p. 15)

Para escapar das novas regras da Igreja e do poder colonial, alguns dos cidadãos começaram a desenvolver suas vidas de forma clandestina e, em consequência, passaram a ser perseguidos pelo Estado. Para se protegerem, buscaram refúgio nas montanhas e em locais com difícil acesso, evitando o contato com a "nova religião" imposta, passando a ser conhecidos como Rabelados. A origem do termo Rabelados possui diferentes interpretações. Na visão portuguesa, o termo vem do verbo “rebelar”, já para os crioulos, vem de “revelados” ou “pessoas relevadas por Deus”. Os portugueses e membros da Igreja Católica interpretaram essa fuga não só como uma revolta religiosa, mas também como uma revolta política.

Atualmente, existem cerca de mil pessoas vivendo nas aldeias Rabelados em Cabo Verde. Muitas aldeias acabaram por desaparecer, sendo o fator principal o êxodo rural e, um fator menor, mas ainda importante, como questões de sustentabilidade alimentar por falta de chuva, que faz com que o campo de trabalho já não seja uma maneira de garantir a segurança alimentar doméstica.

Nas primeiras décadas de isolamento e refúgio os Rabelados não podiam ler e escrever pois esta não era uma opção viável, uma vez que não possuíam acesso a políticas do Estado. Atualmente, as gerações mais antigas tentam aprender essas habilidades e se ajudam em suas comunidades, enquanto as gerações mais novas já frequentam a escola primária (Moreira, 2009, p. 18). Dessa mesma forma, a relação dos Rabelados com a população tem se tornado mais intensa devido à forte relação entre seus filhos com vizinhos e casamentos que ocorrem mesmo entre pessoas que não são Rabelados com suas filhas e vice-versa, além da busca por trabalhos mais bem remunerados na cidade (2009, p. 20).

É fato que exista um receio por parte da sociedade cabo-verdiana em relação a preservação e continuidade das tradições das aldeias de Rabelados. Isso ocorre porque "os idosos estão morrendo e os jovens não se importam da mesma forma com a religião. Eles vão para as cidades procurando mudar de vida [...]. Atualmente, muitos já foram reconvertidos e seu passado é apenas uma referência histórica" (Moreira, 2009, p. 20).

Atualmente, a aldeia de Rabelados de Espinho Branco, no município de São Miguel, é a mais representativa da população dos Rabelados, uma vez que seus habitantes preservaram os valores mais genuínos de sua filosofia de vida. É esta aldeia que se tornou o foco principal para o trabalho de campo em 2015 e 2018.

Antes de ir para Cabo Verde em 2015, já prevíamos que a aldeia estaria sofrendo novas transições, afinal, houve importantes oportunidades oferecidas por fontes externas, como a primeira intervenção da voluntária Misá Kouassi em 1998. Apesar disso, acreditávamos que ainda houvesse uma forte tradição religiosa e cultural, conforme alguns autores descreviam em diferentes artigos.

A aldeia Rabelados Espinho Branco tem quase 300 pessoas, incluindo idosos e crianças. O primeiro impacto que tive ao chegar na aldeia foi em relação a modernização tecnológica dos que ali habitavam. Havia eletricidade em duas das casas, uma televisão e alguns possuíam telefones celulares. Desde aquele momento, a autora Luiza imaginou que, com a modernização da comunidade, algumas tradições também seriam afetadas, embora não conseguisse definir estes graus de interferência. O que sabíamos com precisão era que, desde seu surgimento, os Rabelados contavam com um líder religioso responsável pelas reuniões semanais para transmitir as crenças religiosas (o que poderíamos chamar de "missa") e organizar festividades e práticas tradicionais.

Para nossa surpresa, logo nos primeiros dias nos contaram que Tchetcho, o último líder religioso, estava preso desde janeiro de 2015 por tentar esfaquear sua esposa, consequência de seu vício em álcool e drogas. Tchetcho é um dos trinta e oito filhos de Nho Agostinho, principal e original líder religioso da aldeia Rabelados Espinho Branco, vindo a falecer em 2006. Nho Agostinho ainda é reivindicado por todos os Rabelados e durante minhas entrevistas com os moradores sua figura apareceu como a responsável por manter viva a tradição religiosa e cultural, fazendo com que sua morte se tornasse a principal razão para perdê-las.

Durante uma das conversas com Sabino – Rabelado responsável por receber os voluntários e visitantes na aldeia -, ele nos disse que Tchetcho não conseguiu manter a sabedoria e disciplina de seu pai, Nho Agostinho, o

que culminou com uma desmotivação geral para toda a comunidade. Hoje em dia, após diversas entrevistas com habitantes da aldeia, pode-se dizer que quase não há reuniões religiosas entre os Rabelados Espinho Branco, exceto em funerais e casamentos que, ainda assim, sofreram muitas mudanças e uma "simplificação ritualística", de acordo com eles próprios.

Analisando este contexto, percebemos que dois fatores principais pareciam afetar a tradição religiosa e cultural mais do que qualquer outro aspecto, especialmente nos últimos dez anos.

O primeiro fator baseou-se na chegada de Misá Kouassi, sendo ela a primeira voluntária externa a chegar na aldeia para contribuir e desenvolver melhores condições para os Rabelados. Ao longo dos anos, Misá forneceu uma nova estrutura para a aldeia, com eletricidade, água de poço, acesso à escola e cuidados de saúde. Também desenvolveu diferentes oficinas artísticas para os moradores, encorajando-os a explorar suas habilidades artísticas. Ficu e Sabino, os atuais líderes informais, são agora pintores e artesãos, vendendo suas obras para turistas que visitam a aldeia. Uma oportunidade de renda semelhante surgiu com a tradicional dança cabo-verdiana Batuku, que até então era praticada informalmente dentro dos rituais religiosos e celebrações sociais, tornando-se uma companhia de dança profissional que se apresenta apenas sob remuneração.

O segundo fator foi a perda de Nho Agostinho e sua liderança religiosa na comunidade. Devido ao fato de seu filho, Tchetcho, falhar no papel de líder e estar preso, os Rabelados mudaram seus costumes e tradições de forma significativa nos últimos anos. Com os levantamentos feitos em campo, pode-se dizer que a comunidade dependia da figura do líder para mantê-los juntos e dar-lhes fé em suas próprias práticas e crenças. A comunidade, combinada com todas as novas informações e oportunidades trazidas por Misá, não poderia manter a antiga tradição religiosa, como os encontros de oração de sábado e domingo, celebrações de casamento e outros.

Da mesma forma, Batuku, considerada a dança tradicional de Cabo Verde há mais de dois séculos, também se tornou esquecida em suas rotinas e atualmente é apenas performada em eventos formais e pagos. Nho Agostinho ainda é visto como um líder respeitado, mas agora se aproxima mais ao que chamamos de figura mitológica.

É visível como a liderança de Nho Agostinho organizou e protegeu a aldeia, embora este fato nunca tenha sido um assunto formalmente reconhecido, mas sim uma posição carismática entre a comunidade. De acordo com Weber, um dos desenvolvimentos do termo "carisma" é a figura de um líder carismático, que também é definido por Weber como um líder com características individuais extraordinárias, cuja missão e visão inspiram os outros (Weber, 1922, p. 241). Como tal, este líder carismático é visto como o chefe de qualquer movimento social ou político e pode estar relacionado ao poder e habilidades religiosas, como no caso de Nho Agostinho.

Os encontros aos finais de semana eram famosos e esperados durante toda a semana, reunindo grande parte da aldeia para ouvir as histórias de Nho Agostinho e aprender com sua sabedoria. Como Sabino, morador da aldeia, descreveu, todos os sábados e domingos estavam juntos para falar sobre sua fé e celebrá-la. Nho Agostinho era a pessoa mais educada da aldeia, capaz de ler, escrever e ensinar a todos como fazê-lo.

Tchetcho, seu filho, não teve o mesmo sucesso em seu papel como líder devido ao envolvimento com álcool e drogas, consequências da abertura da aldeia para a comunidade externa em meados dos anos 2000. Com o tempo, o carisma passou a não existir, tampouco as tradições e os rituais praticados antes com Nho Agostinho. Segundo Sabino, eles até tentaram continuar as reuniões e eventos religiosos, mas sentiram-se perdidos e desmotivados sem um líder apropriado.

Quando fomos mais bem informados sobre as práticas sociais e os hábitos de Nho Agostinho, começamos a notar alguns aspectos atuais que poderiam estar relacionados ao passado. Embora a figura de Nho Agostinho tenha desaparecido, algumas de suas tradições permaneceram na aldeia, ainda que adaptadas a um novo contexto.

O exemplo que trazemos é sobre o "evento" de assistir à novela todas as noites. Muitas pessoas da aldeia vão para a casa de Ficu – única casa da aldeia que possui TV - de segunda a sábado, das 20h às 22h30. A reunião é principalmente sobre a exibição de novelas brasileiras, momento em que se organizam para atender cerca de 30 pessoas dentro de uma pequena sala para assistir e ouvir as fictícias e divertidas tramas da dramaturgia.

De alguma forma, as reuniões promovidas por Nho Agostinho tinham as mesmas características, no entanto, o contexto de ir a algum lugar para ouvir uma figura única contando histórias e produzindo novos conhecimentos, estava ressignificado. Uma maneira fácil de demonstrar a continuidade, a mudança e a transmissão desta prática é comparar as duas imagens que registrei na aldeia que, quando colocadas lado a lado, podem nos trazer uma melhor reflexão do que estou tentando analisar. A figura carismática de Nho Agostinho ainda é um agente ativo na aldeia, no entanto seus ensinamentos não mais governam a comunidade. Weber também explica esse fenômeno relacionando o líder carismático com seus seguidores.

Como dito anteriormente, durante o trabalho de campo não houve nenhuma demonstração ou contato com qualquer tipo de manifestação religiosa e reuniões sociais. Nesse sentido, a figura carismática tornou-se a guardiã de suas tradições e a criadora de um movimento carismático, que de algum modo preservava seus hábitos e herança. Devido ao fato de ser uma pessoa desconhecida na aldeia, Luiza levou algumas semanas para entender a dinâmica do Batuku e identificar possíveis razões pelas quais eles não a performavam da mesma maneira como no passado.

Analisando as entrevistas com Sabino e algumas crianças da aldeia, pudemos notar que todos eles mencionam a forma como Batuku costumava ser mais praticada entre toda a comunidade como forma de resistência e transmissão da história da aldeia. Para além disso, diziam sobre como a interação entre eles era mais pessoal e conectada, passando a impressão de que a identidade da dança era intensa e sua prática estava mais relacionada à sua tradição.

Em um contexto onde a maioria da comunidade era analfabeta, era dentro da dança Batuku – com sua estrutura de improviso musical – que os Rabelados construíam e transmitiam a sua história de surgimento e resistência. Enquanto raros integrantes da comunidade podiam ler e escrever, a dança permitia que, em coletivo, criassem letras e improvisos que contassem sobre a trajetória da aldeia, tornando-se uma ferramenta indispensável para a continuidade e transmissão da história dos Rabelados.

Tradicionalmente, Batuku era uma dança transmitida através de práticas sociais semanais em que crianças e adultos compartilham seus movimentos e músicas. Embora ainda mantendo os mesmos passos, ritmos e instrumentos, Batuku tornou-se uma prática formalizada dentro da aldeia Rabelados Espinho Branco, representada apenas pela companhia profissional criada entre as mulheres da comunidade.

O processo de transformação de Batuku também pode ser visto como um exemplo das principais mudanças que ocorreram na comunidade e a transição do período de Nho Agostinho para a modernidade, incluindo telenovelas e tecnologia. Em certos momentos de interação com as crianças da aldeia, Luiza tentou fazer com que a ensinassem Batuku e “brincassem de dançar”. A dinâmica era: elas ensinavam Batuku e, em troca, podiam pedir para que Luiza as ensinasse alguma dança. Quando fez tal proposta, a resposta das crianças veio em uníssono: “Queremos aprender Ballet!!!”.

Pode-se dizer que a influência de Misá na aldeia também contribuiu para as transformações de Batuku. O projeto de criar uma companhia profissional da dança Batuku foi ideia sua, iniciando e provocando uma nova continuidade para a prática dentro da aldeia. A dança que costumava ser realizada todas as semanas, motivada pelos encontros de Nho Agostinho, tornou-se cada vez menos praticada após sua morte. Por outro lado, a criação da companhia profissional de dança Batuku gerou o aumento da estabilidade financeira com algo que costumava ser apenas uma prática de lazer, dando-lhes motivação para preservar e praticar seu ofício, atuando em eventos maiores e melhorando seus rendimentos.

Atualmente, a Companhia Rabelados de Batuku é uma das mais famosas da Ilha de Santiago, ganhando prêmios e competições. A fama também atraiu turistas para a aldeia e a necessidade de construir uma estrutura melhor para recebê-los. Por esse motivo, eles decidiram construir a praça principal da aldeia, com um palco e alguns bancos onde as pessoas podem se sentar e relaxar, seja para uma pausa para o almoço ou para assistir a uma performance de Batuku. Misá sempre esteve à frente desses projetos, coletando dinheiro e doações de diferentes instituições e voluntários.

Nos dias de hoje, a aldeia conta com três gerações que nos ajudaram a representar de forma mais clara um panorama geral o trajeto do Batuku ao longo das décadas, conforme podemos ver nesta tabela.

As notáveis alterações da prática de Batuku em relação a perda de seu líder são uma das conclusões que posso afirmar a partir de meus dados e experiências de trabalho de campo. Por outro lado, o motivo ainda é pouco claro sobre como as crianças sabiam tanto sobre uma dança pouco praticada na aldeia, mesmo as mais jovens, e porque tinham tanta curiosidade por Batuku.

Luiza, como uma estranha na aldeia, não pôde evitar o fato de afetar a rotina das crianças, afinal, estava ao lado delas durante todo o dia. Após alguns dias morando na aldeia, elas já entendiam que Luiza estava interessada em descobrir sobre as tradições da comunidade e sabiam que poderiam chamar sua atenção com qualquer tipo de informação. Embora fossem absolutamente adoráveis e entusiasmadas com a presença da autora, elas podem ter reagido de maneira exagerada à sua presença, construindo qualquer tipo de informação (teórica ou prática) para a impressionar.

No entanto, o fato é que um novo movimento foi provocado entre as crianças que os tornaram inusitadamente entusiasmadas com Batuku e, por algumas vezes, os ecos de seu entusiasmo se refletiam nos adultos, como quando uma sessão de Batuku começou entre as crianças como um jogo e acabou, conseqüentemente, atraindo - de forma nostálgica - adultos à sua volta.

O exemplo de Batuku, com fortes influências do líder religioso Nho Agostinho em suas características e sobrevivência, nos possibilita ter uma melhor compreensão sobre como esta aldeia, isolada até 1998, começou a ver o mundo e ligeiramente sofrer modificações de acordo com este processo.

### **Referências Bibliográficas**

Beijers, Huub. (2004). "People with a mission. Meanings of psychosocial distress of Cape Verdeans in the Netherlands". Amesterdão: University of Amsterdam.

Beijers, Huub; De Freitas, Cláudia. (2008). "Cape Verdeans' pathways to health: Local problems, transnational solutions. In Carling, Jørgen; Batalha, Luís (orgs). Transnational archipelago. Perspectives on Cape Verdean migration and diaspora. Amsterdam: Amsterdam University Press, p. 237-254.

Breuilly, J. (2011). "Max Weber, charisma and nationalist leadership. Nations and Nationalism". 17: 477-499. doi: 10.1111/j.1469-8129.2011.00487.x

Bourdieu, P. (2005). "Habitus." *Habitus: A sense of place* 2 (p.49)

Évora, S. L. (2012). "Comunicação global e cultura local. Indicadores Simbólicos sobre os Rabelados de Cabo Verde." *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*.

Kaepler, A. (1999). "The mystique of fieldwork." Theresa Buckland (editor), *Dance in the field: theory, methods and issues in dance ethnography*. London: MacMillan Press. (p.13-25)

Moreira, B. B. (2009). "Qualidade de vida e lazer: O caso dos Rabelados de Espinho Branco" (Bachelor's thesis).

Nogueira, G. (2011). "Batuko, Cabo Verde's intangible cultural heritage. Historical-Musical Route". Praia, University of Cabo Verde.

Tucker, R. (1968). "The Theory of Charismatic Leadership". *Daedalus*, 97(3), 731-756. Retrieved from <http://www.jstor.org/stable/20023840>

Weber, M., (1968). "On charisma and institution building". University of Chicago Press.

\_\_\_\_\_. (1922 [1978]) "Economy and Society", 2 vols (ed G Roth and C Wittich). Berkeley, CA; London; Los Angeles, CA: University of California Press.